

CORPO DE DELITO

Verão azul

A abnegada luta da força montada em bicicleta da GNR de Porto Covo para salvar os condutores de Verão das práticas criminosas e do mal absoluto



Rui Patrício

Conto sempre com a benevolência do leitor, mas hoje especialmente, porque vou confessar um delito. Domingo de Verão, centro de Porto Covo, o calor apertava, as gentes abundavam, era pelo meio da tarde e eu seguia de automóvel. Não conduzia em excesso de velocidade nem com álcool, nem fiz qualquer manobra perigosa, e também não falava ao telemóvel. Contudo, seguia em pecado, porque não colocara o cinto de segurança. Felizmente, mal percorrera alguns metros, fui salvo por dois prestáveis agentes da GNR, que segulam de bicicleta a policiar os perigos e os delitos. Um deles fez-me um sinal, que eu interpretei como uma advertência amigável para colocar o cinto, o que fiz. Foi-lo, porém, com ar de enfado, e julgo que também terrei dito alguma palavra menos cris-

tã, o que não se ouvia fora do automóvel ("um carrão", como depois ouvi um deles dizer, com desdém), mas os agentes da ordem lêem nos lábios.

Seja como for, e talvez por essas três coisas (enfado, palavrão e carrão), sprintaram nas bicicletas e mandaram-me encostar. Bateu-me um continência – o que é engraçado, um agente de bicicleta e calções a bater continência – e pediu-me os documentos, com os quais deu três voltas ao automóvel, enquanto o trânsito ia ficando mais emperrado. Não encontrou nada, e pediu-me que lhe mostrasse o colete reflector e o triângulo. Sucede que eu tinha o carro atulhado de coisas, e expliquei que talvez fosse um exagero tirar tudo para o meio da rua para procurar colete e triângulo. Não senhor, não era, e assim fiz. Carreguei tudo outra vez, mais duas voltas do agente ao carro, e nada. Aguardei, então, que viesse o papelinho da coima por andar sem cinto, essa maravilhosa infracção através da qual a lei mostra a sua preocupação com o que possa acontecer à minha cabeça ou ao meu peito se baterem no vidro ou no volante.

Um dos agentes chamou outros colegas que, após boa espera, chegaram de

automóvel, sem calções e com farda também azul, mas um pouco menos desbotada pelo sol que as dos que segulam de bicicleta. Julguei que o carro trazia o terminal de multibanco, redondo engano. Trazia, ao que percebi, um agente experimentado em preencher o papelinho da coima, embora tenha levado mais de 15 minutos a fazê-lo, com a ajuda de um manual. Findo tudo isto, que terá demorado cerca de meia hora, lá saiu o papelinho, embrulhando 120 euros de coima. Não foi fácil pagar, o que relatarei na próxima semana, mas consegui. E fiquei a pensar no que terá acontecido ou poderia ter acontecido no centro de Porto Covo, cheio de gente e trânsito, no período dessa tarde de domingo em que quatro agentes da GNR – talvez toda a força policial ali em serviço – estiveram ocupados a dominar um perigoso condutor que não levava o cinto. Abençoada e livre meia hora, em que cada qual poderia ter feito tudo o que quisesse, excepto não colocar o cinto de segurança. Isso sim, perigoso e merecedor de atenção de quatro fardas, duas mais desbotadas do que outras, mas todas dando ao Verão um celeste tom de azul.

Advogada. Eicrete ao sábado



Fujam criminosos, a lei está a chegar!

LUIS FORRALUSA